

# BO BISTURI

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ

ANO 41

SETEMBRO/76

N.º 4

## Sumário

### RESIDÊNCIA

Página 2

### MÁFIA DE BRANCO

Página 3

### FORUM

Páginas 4 e 5

### MAC-MED

Página 6

### INTERIORIZAÇÃO DA SAÚDE

Página 6

### CENTRAL DE MEDICAMENTOS

Página 6

### CRUSP

Página 7

### IMPrensa INDEPENDENTE

Página 7

### RENÚNCIA DA REPRESENTAÇÃO NO C.O.

Página 8

### ELEIÇÕES PARA CAOC, AAAOC E DC.

Dia 14 de outubro, quinta-feira será realizada eleições na escola para os cargos das Diretorias do CAOC, AAAOC e DC.

As inscrições para as chapas podem ser feitas na Secretaria do CAOC até às 16,00 hs da ante-véspera das eleições.

Na quarta-feira, dia 13, haverá apresentação de chapas na sala do Sono.

Achamos importante que todos os alunos participem do processo eleitoral no sentido de fortalecer as entidades representativas e a atuação de seus membros.

As urnas permanecerão na biblioteca do CAOC das 9,00 hs às 17,00 hs no dia 14.

Compareçam todos, participe, discutindo e votando.

## EDITORIAL

# FORUM OFICIAL

Muito embora a idéia de Realização de Foruns esteja de certa forma desgastada, eles ainda são a forma mais ampla de organização que existe atualmente na discussão dos problemas de ensino.

Este desgaste resulta de vários fatores como:

— A Faculdade não ter assumido a responsabilidade pelos Foruns;

— O enfoque dos Foruns não se aprofundar o suficiente quanto a estrutura e objetivos dos cursos.

— Os professores não acatarem para o ano seguinte as decisões advindas dos Foruns, o que criava nos alunos um desinteresse quanto à validade deste.

De qualquer forma a organização de Foruns ao longo destes anos no curso Experimental e, de alguns anos para cá, também no Tradicional, permitiu aos alunos questionar o curso que estão recebendo. Outro fator positivo é que para a preparação do Forum é necessário a realização de uma análise, do curso por parte dos alunos, que obriga a uma tomada de posição e conscientização dos problemas que os afetam.

Com a fusão dos cursos em 75 e considerando que o curso unificado apresenta em tese as bases que fundamentam o curso Experimental, ensino em blocos de disciplinas até o 5º semestre e Medicina comunitária no curso pré-clínico, a nível de 4º ano somado a unificação do programa do 5º e 6º ano a partir de 77, sem que a maioria dos departamentos opinassem, e a aprovação de um exame de suficiência para a Residência, achamos fundamental a realização de um Forum oficial no momento atual.

Sua necessidade, advem principalmente, do fato de que a maioria dos

professores da Faculdade não conhece o programa unificado, em parte porque não davam aulas para o curso Experimental, o qual possuía, em muitos casos, equipes próprias de docentes. Assim, com a fusão, a maioria dos docentes, serão designados para ministrar um curso, cuja origem, objetivos, filosofia e estrutura geral lhes é desconhecida.

Estes fatos somados à discriminação existente na escola por parte de muitos professores, principalmente os de maior poder-de-decisão, em relação à introdução de inovações no curso médico, obriga os alunos a tomar uma posição a fim de garantir as conquistas conseguidas ao longo destes anos, quer sejam novos métodos bem como a introdução do sistema de blocos e de Medicina Comunitária.

E primordial que todos os alunos sintam a necessidade e importância da Realização de um Forum oficial, e que as resoluções deste sejam cumpridas à risca pela Faculdade.

O que deve entrar em jogo não é a estrutura ou o programa do curso unificado, mas a sua aplicabilidade por parte dos docentes desta escola, que em sua maioria foram marginalizados, e até mesmo desconhecem o processo de fusão dos cursos.

O que está em jogo são as posições e objetivos que esta Faculdade assume na formação de Médicos, destinados a cuidar da população brasileira, independente da classe social e da posição econômica-ou política desta.

Assim as classes devem iniciar um processo de discussão, o mais profundo possível, para que se possa efetivar e fazer cumprir da melhor forma um programa de ensino em nossa escola.

DIRETORIA DO CAOC.

## RESIDÊNCIA. EXAME GERAL DE SUFICIÊNCIA PARA 6º ANISTAS

Por 12 votos a favor e 8 contra (3 representantes discentes, Profs. Guilherme, Marcondes, Thales, Carlos Corbet e Joamel), foi aprovado em reunião da Congregação da FMUSP dia 27 de agosto, que a partir de 1978 haverá exames de suficiência para os interessados em fazer residência no H.C.

Neste exame, que será aberto para alunos da FMUSP de outras escolas do país, os considerados suficientes, ou seja, que tiraram nota acima de uma média estabelecida, se submetem à avaliações nos departamentos que desejarem estagiar.

Assim a garantia das 80% das vagas serem destinadas aos alunos da FMUSP continua sendo válida na segunda fase ou seja quando os médicos já passaram pelo exame de suficiência e optaram por uma especialidade.

O principal argumento usado a favor de um exame de suficiência é que ele servirá para barrar alunos «nulos», sejam de que escolas forem, pois não acham correto maus alunos terem preferência sobre melhores, como vem acontecendo.

A posição do CAOC e dos internos, já manifestada anteriormente, de ser contrário a este tipo de exame para os alunos da FMUSP, é pelo fato do HC pertencer à Faculdade e principalmente por não concordarmos que se submetam um aluno a um exame de suficiência após ele ter recebido o diploma. Ahamos que nem deve ser dado o diploma a alunos «nulos», pois estaremos colocando no mercado de trabalho pessoas que podem praticar uma série de irregularidades que só irão prejudicar a saúde da população.

Seria muito mais racional que se organizasse e padronizasse um sistema de avaliação para o internato e por extensão uma programação definida das funções, direitos e deveres dos internos de 5º e 6º anos, para que todos os alunos diplomados fossem suficientes.

Se a faculdade fornece diplomas a médicos insuficientes, ela tem a responsabilidade e o dever de completar a formação dos mesmos, possibilitando seu ingresso no estágio da residência, que queira-

mos ou não, hoje é vista e utilizada em parte como estágio de complementação da Formação Médica.

A luta pela mudança nesta situação cabe à toda escola, mas principalmente do 4º ano para baixo. Os mesmos devem-se organizar e lutarem pela modificação do projeto aprovado, e mais que isto, entenderem que este problema decorreu da péssima qualidade de ensino que recebemos, sendo portanto necessário atuar em nível de graduação.

Atualmente o Centro Acadêmico está elaborando um documento sobre Residência, que será enviado a todos os professores membros da Congregação e à Imprensa solicitando a inclusão na ordem do dia na reunião de outubro da Congregação da FMUSP.

Concomitantemente entramos em contacto com a Associação de Médicos Residentes de São Paulo, onde discutimos os nossos problemas com os membros da Associação no

sentido de unificar nossa luta pela unificação da Residência.

Durante o mês de outubro, após as discussões nas classes será convocada a Assembléia para a tomada de posição a ser levada na Congregação e de como deveremos encaminhar o movimento.

Tudo isto nos leva a fortalecer a realização de um fórum geral oficial na escola e discutir a fundo todos os problemas de ensino que nos afetam.

Em relação ao inter-

nato, principalmente os 4ºs. anos devem organizar discussões com os Professores responsáveis pelos estágios e definir um programa didático a ser cumprido.

Se realmente existe intenção por parte dos Professores de melhor formar os alunos, eles não devem se furtar a tais discussões, aceitando críticas e opiniões dos alunos. Afinal quem está sendo formado somos nós e portanto temos o direito de influir no tipo de formação que queremos ter.

## C. As - MANIFESTAM-SE CONTRA ATITUDE DO REITOR

Em 1969 foi aprovada a construção do Hospital Universitário com o objetivo de ser hospital da escola para diversas faculdades da USP, destinado a formação de profissionais de diferentes áreas da saúde.

Nesta época constituiu-se um grupo de Trabalho para planejar a construção e implantação de serviços do Hospital Universitário.

Em maio de 1976 houve mudanças importantes na constituição do grupo de Trabalho.

Interessados nos destinos do Hospital, os estudantes das Faculdades envolvidas com o mesmo encaminharam um abaixo-assinado ao Reitor propondo a inclusão de

um representante discente nessa comissão.

Certos de uma resposta positiva do Reitor os Centros Acadêmicos das Faculdades de Medicina, Reabilitação, Enfermagem, Farmácia e Nutrição reuniram-se e decidiram que o representante discente seria um aluno da Medicina, escolhido pelos estudantes através de uma eleição direta.

Ignorando o fato de que os estudantes são parte da Universidade, desrepeitando um processo democrático da escolha de um representante, e aproveitando-se do período de férias escolares, o Reitor da USP, Prof. Orlando M. de Paiva, indicou arbitrariamente na Faculdade de Medicina um aluno de sua

confiança, para ocupar o cargo de representante.

O aluno indicado, Hugo Carvalho de Franco Filho, agindo também de forma antidemocrática e traindo a unidade estudantil aceitou a nomeação.

Pela sua aceitação e ingresso na Comissão, o aluno Hugo foi expulso do Centro Acadêmico por decisão de sua congregação de alunos.

Essa atitude do Sr. Reitor é uma de muitas já tomadas que vem reforçar uma tendência cuja finalidade é enfraquecer a organização estudantil através do não reconhecimento dos Centros Acadêmicos, e do bloqueio crescente a participação dos alunos na vida universitária.

Prova disso, são os fatos como o ocorrido recentemente na Universidade de Brasília onde sua direção, procurando impedir a organização dos estudantes em torno do processo eleitoral do Diretório Central, expulsou 7 alunos e suspendeu outros 12.

Esses fatos não são restritos ao âmbito universitário, mas refletem uma situação mais geral existentes no país, que se caracteriza pela repressão

à livre participação de amplos setores da sociedade na defesa de seus interesses.

Em vista do que foi acima exposto, foi encaminhado ao Sr. Reitor um abaixo-assinado manifestando nosso repúdio à sua atitude, não reconhecendo o aluno indicado como representante e exigindo que a representação seja exercida por aluno escolhido democraticamente pelos estudantes.

*Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. (Medicina).  
Centro Acadêmico XXXI de Outubro. (Enfermagem)  
Centro Acadêmico de Farmácia e Bioquímica.  
Centro Acadêmico Arnaldo Vieira de Carvalho. (Paramédicas)  
Diretório Acadêmico Emilio Ribas. (Nutrição)*

(Ver HU continua a luta pag. 5)

## RESIDÊNCIA NA ORTOPEDIA EM 1977

Segundo o Dr. Gilberto Carazato, da Ortopedia, a residência a partir de 1977 será efetuada em 3 anos. Até o momento existiam 18 R1 e 18 R2, perfazendo um total de 36 residentes.

Em 1976, 10 bolsistas «voluntários», provavelmente por pressões de fora, foram incluídos no quadro de estagiários. Como a COT não comportaria 46 residentes, foi bolado um programa especial para os 10 bolsistas.

Este programa constava de 10 estágios, de modo a passar 1 residente por estágio. E estes estágios eram os seguintes: Queimados, Técnica Cirúrgica, Cirurgia Vascular periférica, Neurocirurgia (PsNC), PSC, Reumatologia, Cirurgia Bucodental, Fisioterapia, P, COT e Grupo de Paraplégicos.

Em cartas enviadas pelo CAOC e internos de 6º ano, ao Prof. Flávio, e em reunião onde estiveram presentes os 6º anistas pretendentes à COT em 77, o Residente Chefe e Representantes

do CAOC, foi colocado pelo Dr. Carazato, que a partir de 77 a Residência na DOT ia ter 3 anos, muito embora o total de vagas permaneceria o mesmo, ou seja 36. Assim o número de vagas R1 em 1977 será de 12.

O que ficou claro, é que este aumento do número de anos na Residência, foi proposto para justificar a existência dos 10 bolsistas voluntários, principalmente porque o estágio do R1 em 1977 será o mesmo dos atuais bolsistas acrescidos de 2, perfazendo assim 12 estágios.

Na reunião mencionada, foi colocado pelos 6º anistas que os estágios programados não diferem dos estágios que o aluno da FMUSP passa no internato, sendo portanto totalmente desnecessários e que a alegação do Dr. Carazato de que os alunos formados não sabem técnica cirúrgica, anatomia nem prática de PSC, embora possa ser verdade

não justifica aumentar em 1 ano a residência.

As falhas em Anatomia e Cirurgia devem ser corrigidas no Curso de Graduação, além de que nada garantir que os estágios da Residência serão melhores do que os de graduação, pois os departamentos, com suas deficiências, são os mesmos.

Desta forma, achamos totalmente injusto que se aumente o tempo de formação em ortopedia, que só vem em prejuízo do médico que ficará 3 anos ganhando um salário irrisório, além de passar 1 ano em estágios que em parte já foram vividos no seu curso médico.

Nossa proposta é a não consideração desta medida e que não seja permitido a entrada de apadrinhados na Residência, que só tem servido para piorar o nível de ensino, além de ocasionar tumultos e ser uma forma antidemocrática de conseguir fazer um Curso de Especialização.

Mais uma vez fica provado o caráter antidemocrático,

co das decisões, já que no caso, todos os residentes da DOT e os alunos e mesmo a Congregação da FMUSP, deveriam ter sido consultados.

A Diretoria de CAOC vai tentar inicialmente, levar junto com o representante dos alunos no DOT uma nova discussão neste departamento, procurando barrar a medida que está para ser tomada.

Esta medida foi proposta

para tentar justificar a existência dos 10 bolsistas voluntários. Além disso, é importante notar que a alegação do Dr. Carazato se baseia em falhas do nosso curso de graduação, que sabemos vem se deteriorando cada vez mais.

Neste sentido é necessário que nos preocupemos com a Residência, procurando barrar a medida que devemos lutar também pela melhoria do curso de graduação.

### EXPEDIENTE

Orgão Oficial do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz  
Av. Dr. Arnaldo, 455 - Térreo  
Fone 256-2297  
Gestão CAOC/76

N. IV

### Distribuição Gratuita

Redação  
Massaaki Davi  
Milton Laura H  
Bia Laura M

## ELEIÇÕES: Balanço e Propostas.

I- INTRODUÇÃO: Dia 14 de outubro, haverá eleições para eleger as novas diretorias do CAOC, da AAAOC e do Departamento Científico do CAOC.

As entidades atuais representam uma conquista dos estudantes, que deve ser mantida e fortalecida. Principalmente nos dias de hoje quando muitas entidades foram fechadas e em seu lugar foram criados Diretórios Acadêmicos ou em muitos nem isto foi permitido. Nós que possuímos um Centro Acadêmico e uma Atlética e um D.C. devemos valorizar ao máximo estas entidades.

A forma melhor de contribuir neste sentido é participar das atividades e das discussões, levantando sugestões e críticas que possam contribuir para o trabalho das entidades.

Independente de nes-

soas e idéias, o objetivo básico de todos nós, deve ser o fortalecimento de nossas entidades, cada um procurando influir da maneira que acha mais correta e coerente com seus propósitos.

Assim, convocamos todos os alunos a participarem do processo eleitoral, trazendo sugestões e levantando críticas construtivas com a finalidade de elevar o nível de discussão e participação em nossa escola.

II- Balanço da Atual Diretoria

O ponto básico do trabalho da atual Diretoria do CAOC foi com relação a abertura para participação nas atividades no Centro.

Quando assumidos a Diretoria, achamos que o fundamental era procurar «abrir» o Centro

Acadêmico à participação de todos os alunos, colocar as dependências do Centro acessíveis a todos, independente de suas posições, desde que contribuíssem de alguma forma com a melhoria do ensino e da vivência em nossa escola. Além disso e mais importante era estar aberto para receber idéias e críticas de quem quer que fosse, pois achamos que isto sempre é positivo pois fortalecem as posições a serem tomadas e da as mesmas diretivas mais amplas e democráticas.

Procuramos ao longo deste ano nos manifestar frente a todos os problemas que surgiram, como DCE, convênio INPS-HC, internato, residência, além de levamos propostas de trabalhos dos departamentos e agora de um Fórum Oficial de Avaliação. É claro que muitas fa-

lhas existiram, e, o que é mais importante, de modo algum nos furtemos às críticas quanto as mesmas, pois acreditamos que estas contribuem para corrigir as falhas existentes.

Uma das tentativas este ano, foi manter a escola informada dos problemas, através de sínteses, murais e publicações do Bisturi, que já está no seu quarto número este ano, sendo que no ano passado só saiu um.

Ampliamos sem dúvida, embora com deficiências as discussões sobre o ECEM, realizando o I Pré-ECEM de São Paulo.

Todas estas atividades representaram uma mudança de qualidade no movimento e precisavam ser aprimoradas para o ano que vem.

Assim, nós achamos fundamental que todos os grupos ou pessoas participem das atividades do Centro, que continuara sempre aberto a

novas idéias e sugestões.

III- PROPOSTAS PARA 77

A chapa do CAOC que concorrerá às eleições em outubro próximo, tem como objetivo principal a manifestação da abertura do CAOC e o fortalecimento das atividades reivindicatórias que tiveram falhas este ano.

Em relação a representação discente nos departamentos, achamos fundamental uma radical e profunda mudança em sua atuação que tem sido praticamente nula.

Apoiaremos candidatos, que estejam realmente a fim de trabalhar para melhoria do ensino em nossa escola. Pois os representantes deste ano, na sua maioria desvinculados do CAOC, pouco contribuíram para as atividades, o que prejudicou em muito o trabalho reivindicatório a ser

encaminhado pela Diretoria do Centro. Assim os pontos que lutaremos em 77 são basicamente.

- 1- Realização de Forums Oficiais anuais de toda escola.
- 2- Publicação mensal do Jornal O Bisturi.
- 3- Continuação do Trabalho que o Departamento de Pesquisa Médico-Social do CAOC está realizando em Itapeverica da Serra.
- 4- Dinamização do departamento Cultural, com a realização do maior número possível de SHOWS musicais e de apresentações Teatrais.
- 5- Aperfeiçoamento da biblioteca e discoteca do CAOC, com aquisição de mais livros, discos e assinaturas de periódicos e pela continuidade da publicação da revista COMBOIO pela Biblioteca e

ESPANTALHO pelo Depto. de Artes Plásticas.

- 6- Influir sempre que possível para o fortalecimento do Diretório Central dos Estudantes.
- 7- Dinamização do Centro de Debates, como núcleo de discussão dos principais problemas de interesse dos alunos, com a finalidade de aperfeiçoar e ampliar as discussões na escola. Apoio que o ciclo de conferências do D.C. que tem objetivos próximos a este.
- 8- Lutar ainda este ano, como vamos fazendo, pela revogação do exame de suficiência para ingresso na Residência.
- 9- Trabalho conjunto nas publicações e atividades afins com a AAAOC e o DC.

CHAPA CAOC / 77

## A «MÁFIA DE BRANCO» É TÃO MAFIOSA QUANTO DIZEM ?

Com a denominação «Máfia de Branco», o Pasquim iniciou uma campanha mostrando os abusos cometidos por alguns médicos, a maioria ligados ao INPS. Esta campanha resultou num debate patrocinado por Chico Buarque, do qual participaram médicos jovens que iniciam suas atividades dentro de mercado de trabalho.

Nosso objetivo é, com um comentário a respeito das principais pontos abordados nesse debate, despertar aqui dentro da Faculdade, o interesse pelos problemas da nossa formação médica, o nosso papel dentro da sociedade brasileira carente de recursos, que se reflete numa precária situação de saúde, e comentar sobre nossa situação depois de formados em relação a serviços como INPS e seus convênios.

Todos nós já ouvimos ou lemos alguma coisa sobre a imagem do Médico atualmente. Alguns anos atrás,

ele era uma figura respeitada dentro da comunidade. Hoje, a classe médica tem perdido o seu prestígio; cada vez mais a figura do médico é desmoralizada por fatos escandalosos que chegam ao nosso conhecimento. Mas o cidadão que pratica estes atos, age mais em função da deformação de um sistema, que em função de deformação de sua classe.

A classe médica é espoliada e tem problemas de sub-emprego, sem condições de praticar uma boa medicina. A maioria dos médicos dos grandes centros, para ganhar um salário adequado às suas necessidades e sua família, tem que aceitar empregos, correndo de um para o outro. Acabam caindo em mãos de grupos que exercem a medicina com finalidade de lucro. As críticas caem sobre o médico do INPS que é o principal prestador de serviços médicos do país, o que inverte estas empresas e nos faz pensar

que o seu serviço é melhor do que o do INPS, o que não é verdade.

Como funciona o INPS ? Ele arrecada 8% do salário do brasileiro. O dinheiro arrecadado mantém os serviços próprios (os postos do INPS com longas filas), e paga convênios com estas empresas, que são clínicas de Medicina de grupo, como Sancil, Comepa... Desta forma, está comprando o serviço de terceiros. 93% dos recursos arrecadados pelo INPS são usados para fazer estes convênios. São estas empresas que contratam o médico, com um baixo salário, sem condições de exercer uma medicina de bom padrão (devido também a sua formação dentro da Faculdade). Os dirigentes destas empresas também são donos de Hospitais particulares, que pouco pensam em melhorar a saúde do povo, mas sim em aumentar o seu lucro. E muitas vezes este lucro vem de atitudes desonestas, como

uma amigdalectomia feita em duas vezes, por exemplo, ganhando em cada etapa o preço de uma cirurgia. Dentro do próprio INPS há uma luta interna. Há uma facção que pensa em diminuir a porcentagem reservada para os hospitais particulares. Seria feitos convênios com hospitais universitários. O lucro dos donos dos hospitais particulares seria desviado para esses hospitais, financiando o ensino da medicina. Seria uma forma de melhorar os problemas, tanto do INPS como de alguns hospitais universitários carentes de verbas.

A nossa formação dentro da faculdade também contribui para a proliferação da Máfia de Branco. A maior parte dos estudantes não sentem o problema da população dentro da sociedade. E além de não termos uma formação voltada para estes problemas, não os debatemos. Esquecemos que a maior parte dos brasileiros recebem um salário que não dá para manter condições

alimentares básicas (isto foi calculado pelo próprio INAN), que as doenças infecto-contagiosas são o grande problema da população. Não há saneamento básico, educação sanitária, a população é subnutrida.

A nossa formação é voltada para uma especialização crescente. Não que esta especialização não seja importante, mas ela é exercida em detrimento de uma formação médica geral, mais voltada para nossa realidade de saúde. O erro é esquecermos como se faz uma gota espessa para o diagnóstico de malária, que pode ser feito em qualquer lugar do país, sem precisar de tecnologia avançada. Também não temos formação em Medicina Preventiva. Aprendemos só a parte curativa.

A especialização crescente leva o recém-formado a fazer mais 2 anos de residência, no mínimo, e servindo como mão de obra ba-

rata, durante a residência. A necessidade de residência faz com que estudantes de outros estados, onde os hospitais não tem condições de proporcionar um bom curso de especialização, desloquem-se para o eixo Rio-S.Paulo, causando dois problemas: a concentração maior ainda de médicos nestas áreas, e um êxodo das áreas mais carentes. Ao terminar a residência, o especialista não vai ter trabalho no seu lugar de origem, que necessita de Médicos generalistas. Vai permanecer nos grandes centros, aceitando qualquer trabalho que aparece, mesmo com um salário baixo, pois se não aceitar este emprego, não vai conseguir um melhor, e outro colega nas mesmas condições o aceita. E os que não conseguem fazer o curso de residência, por ter feito um curso de graduação inadequado, é lançado no mercado de trabalho sem condições de exercer a medicina de maneira satisfatória. (Cont. pag 5)

A participação de todos os alunos num Forum Geral tanto das áreas básicas (1º ao 3º ano) como das áreas clínicas (4º ao 6º ano) é fundamental.

No forum, devem ser discutidos e analisados todos os problemas responsáveis pela péssima qualidade dos cursos, que fazem o ensino em nossa escola ser deficiente.

Os alunos do 1º ano devem lutar pela execução do currículo unificado (fundido), que já não está sendo cumprido. É importante que os primeiro-anistas tomem consciência de que só a atuação firme e constante, poderá desenvolver suas capacidades de opinarem a respeito de melhorias nos seus cursos e do cumprimento do que já está estabelecido. Os alunos do segundo em diante, tradicional e experimental, devem procurar sanar os problemas dos seus cursos restantes e auxiliar os primeiro-anistas nas suas reivindicações.

Tendo em mente estes objetivos, devemos traçar as metas ou pontos importantes a serem debatidos no forum, tais como:

— Especificar e definir o papel da Coordenadoria Didática de Graduação, que até hoje só tem cuidado dos aspectos meramente burocráticos, não assumindo, como deveria, a função de órgão fiscalizador do andamento e cumprimento dos programas disciplinares.

— Lutar para que os professores dediquem maior parte de seu tempo (porque não integral?) ao ensino e à pesquisa.

— Resolver os problemas de deficiências de professores qualificados nas várias áreas do ensino (talvez por receberem salários deficientes).

— Traçar os objetivos para cada curso e fases do curso médico (básico e profissionalizante).

— A mentalidade de um professor que trabalha no HC exercendo ou não funções didáticas, não deve ser a de adquirir com este trabalho, um status de ser médico do HC da FMUSP e sim a de realizar um trabalho de melhoria do ensino e do atendimento médico da comunidade.

— Lutar para que qualquer decisão a respeito de mudanças no ensino ou pesquisa em nossa faculdade, seja feita de forma democrática, com a participação tanto dos alunos com dos docentes (a maioria marginalizada das grandes decisões, como a própria fusão dos cursos).

O forum, será oficializado pela Diretoria da Faculdade, que também se mostrou interessada em discutir os problemas do ensino, interessada em ouvir os alunos e programar um ensino de acordo com os anseios do corpo discente. Sem dúvida é de interesse do Prof. Lacaz o cumprimento das decisões do forum, pois como democrata, deve sentir a necessidade de acatar as decisões emanadas da maioria.

A data do forum será divulgada posteriormente, mas provavelmente será na última semana de outubro ou começo de novembro. Todas as classes devem iniciar o processo de discussão para que possamos fazer um pré-forum para unificar as posições dos alunos.

# FORUM DE AVALIAÇÃO

## INTEGRAÇÃO HORIZONTAL VS. INTEGRAÇÃO VERTICAL NO ENSINO DOS SISTEMAS E APARELHOS:

Análise crítica  
Gerhard Malnic ★

Acaba de se formar a primeira turma do Curso Experimental de Medicina (CEM) da USP. Este artigo pertence a uma série que visa reavaliar a experiência educacional realizada nestes seis anos no campo do ensino médico. Não pretendemos apresentar aqui os resultados de uma avaliação objetiva e comparativa entre as duas formas básicas de ensino, pelo simples fato de que tal análise ainda não existe. Aliás, a realização de análises deste tipo tem encontrado grandes dificuldades e incompreensões por parte dos responsáveis pelo ensino médico entre nós. Esta análise resente-se, em particular, da inexistência de um padrão comum de desempenho para estudantes de medicina como o «exame de estado de medicina» dos países europeus, ou o «board» americano que, sem maiores problemas de organização, já permitem uma aferição amplamente aceita da qualidade do ensino médico. Deve ser adiantado aqui que os responsáveis pelo CEM planejam uma aferição bastante ampla deste curso e, se possível, comparativamente ao do currículo tradicional fornecido pela mesma Faculdade, já que raramente se oferece a oportunidade para a comparação destes sistemas diferentes em uma mesma Instituição. Tal situação elimina alguns fatores aleatórios que poderiam afetar os resultados, como diferenças referentes aos alunos, ao meio universitário, ao corpo docente, etc. Fica, pois, estabelecido que o presente artigo se baseia essencialmente na experiência pessoal do autor, envolvido no planejamento e execução do ensino médico, tanto em sua forma mais tradicional, de integração horizontal, como na forma adotada pelo CEM, de integração vertical. Além disso, baseia-se em impressões de colegas de atividade, bem como de estudantes, colhidas particularmente em debates públicos sobre o ensino médico, realizados sistematicamente pelo CEM, e especialmente no «maxi-forum», debate amplo entre estudantes e docentes, realizado por ocasião da primeira turma do CEM.

**Definições:** Em primeiro lugar, será importante definir o que se entende por integração horizontal e vertical em ensino de sistemas. O primeiro representa o sistema clássico, tradicional, em que uma disciplina, como a Fisiologia, por exemplo, é dada em continuidade, isto é, em que os aspectos fisiológicos gerais das células vivas e especiais de cada sistema são ensinados sequencialmente, e independente dos demais aspectos, morfológicos, patológicos, etc., que dizem respeito aos mesmos sistemas. Este método de ensino tem sua origem na divisão de trabalho e, mesmo, na especialização a que está submetido o pessoal docente em Medicina. Cada especialista, aqui considerado em termos bastante genéricos, ensina em sequência todos os aspectos de sua disciplina, o que tem a vantagem de permitir que o mesmo planeje e execute o ensino de seu setor com bastante independência. Toda a organização estrutural e administrativa de nossas Universidades está baseada neste sistema; a própria organização em Departamentos, amparada e expandida pela recente reforma universitária, se baseia no conceito da integração horizontal. Daí deriva também o conceito da independência didática dos Departamentos, cujos Conselhos têm ampla autonomia para definir e organizar o ensino de suas respectivas disciplinas.

Por outro lado, a integração vertical do ensino pretende dar ao aluno visão global de um sistema, em todos os aspectos relevantes para sua compreensão, incluindo os morfológicos, fisiológicos, patológicos e clínicos, não se limitando a determinada disciplina. Desta maneira, este método depende da colaboração de diversos especialistas em um

espaço de tempo relativamente curto (um a dois meses, de acordo com a complexidade do sistema), a fim de apresentarem ao aluno um quadro tanto quanto possível completo do sistema ou aparelho estudado. Por suas próprias características, este tipo de ensino é administrado em tempo integral, com o aluno entregue ao estudo do sistema segundo um plano traçado por um coordenador e, portanto, segundo um plano coerente e homogêneo. Ao contrário, o ensino no sistema horizontal é geralmente dado em alguns períodos por semana (tres ou quatro no máximo, na maioria dos casos), sendo as demais atividades dos alunos dedicadas a outras disciplinas, que podem ter afinidade genérica com a primeira, mas via de regra se desenvolvem paralelamente e com considerável independência, frequentemente seguindo métodos e filosofias de ensino bastante distintos. Do que foi dito até aqui, depreende-se que o ensino por integração horizontal se baseia essencialmente em conveniências de ordem administrativa, conveniências do corpo docente por excelência, enquanto que o ensino em integração vertical visa essencialmente a conveniência do aluno, especialmente tendo em vista a aplicação dos conhecimentos adquiridos à sua formação profissional.

**Objetivos do ensino em integração vertical:** no Curso Experimental de Medicina da FMUSP, o sistema de integração vertical visa essencialmente a criar uma ligação entre as matérias básicas e sua aplicação aos problemas práticos, clínicos. Aliás, dar ao aluno um curso básico intenso foi preocupação da escola médica de São Paulo desde seus primórdios, preocupação esta que, a meu ver, tem sido em grande parte responsável pelo alto nível de seus formandos. Infelizmente, nem sempre o aluno aproveita integralmente suas possibilidades de formação básica, muitas vezes por desinteresse decorrente a um desconhecimento das reais características da profissão de médico. Atraído, muitas vezes, pela velha tradição que mostra a Medicina mais como uma arte, adquirida pelo contacto diário com o paciente nas enfermarias, descuidada-se facilmente de sua base científica, hoje em dia tão preponderante. E é só a oportunidade precoce de perceber a importância desta base científica para o diagnóstico e tratamento de casos rotineiros, do dia a dia da prática clínica, que o levará a dar o devido valor a Medicina científica. É claro que não se poderá prescindir de um treinamento clínico por excelência, diário, junto ao paciente. Por isso, o sistema do ensino vertical dos aparelhos não pode invadir de todo o ensino clínico, mas deve atingir somente seu umbral.

Aliás, o limite entre os dois degraus de ensino é bastante difícil de ser traçado, como será discutido mais adiante com mais detalhe. Tendo como objetivo fundamental fornecer ao aluno a base científica para o estudo dos aspectos clínicos e cirúrgicos de um sistema ou aparelho, os assim chamados «blocos» de ensino têm seu centro de gravidade no curso de fisiologia dos respectivos sistemas orgânicos, baseado nos correspondentes aspectos morfológicos e irradiando-se às bases farmacológicas de sua terapêutica, bem como à anatomia patológica e fisiopatologia de seus distúrbios. Uma vez assentadas estas bases científicas, estará o aluno apto para o aprendizado ou treinamento naqueles setores de ensino mais ligados à aplicação de seus conhecimentos.

Discutiremos a seguir alguns dos problemas que surgem na aplicação destes sistemas de ensino, relacionando sempre vantagens e dificuldades inerentes ao método da integração vertical com as da integração horizontal de disciplinas.

**Integração entre disciplinas e docentes:** foi discutido acima que o ensino com integração horizontal encontrava uma estrutura universitária que lhe era mais adequada. Indicar isto que a integração vertical seria incompatível com esta estrutura? Experiência de alguns anos quanto à aplicação da integração vertical mostra que, se bem que esta estrutura possa dificultar a referida organização, de nenhum modo é com ela incompatível. O que se torna absolutamente necessário, entretanto, é um planejamento conjunto do ensino do bloco por parte dos diferentes especialistas envolvidos, membros de diferentes Departamentos e, mesmo, de diferentes Instituições universitárias. É necessário que cada um abra mão de uma parcela de sua liberdade operacional para que o «bloco» possa funcionar de maneira integrada. Aliás, isto também seria de considerável valor para o sistema de integração horizontal, que só poderia ganhar de um esforço de melhor coordenação entre disciplinas e, muitas vezes, dentro de uma mesma disciplina. O simples fato de um grupo de docentes de diversas áreas sentar em volta de uma mesa e discutir métodos de ensino representa progresso considerável no sentido de aperfeiçoar métodos e técnicas, bem como programas. Infelizmente, em nossos sistemas tradicionais, é frequente que determinada reunião convocada para discutir o ensino em um dado ano esgote seu temário após uma simples distribuição ou redistribuição de horários de aula, sem entrar em detalhes maiores quanto, como e por que ensinar determinado assunto. Como o método de in-

## HU - CONTINUA A LUTA

Há cerca de duas semanas o presidente do CAOC, os dois representantes da nossa escola eleitos pelos alunos e mais representantes dos C.A.s e D.A. das outras escolas também interessadas nos destinos do H.U., foram até o Reitor para levar os abaixo-assinados e discutir com ele o problema da representação discente na comissão do Hospital Universitário.

Durante a discussão o Reitor alegou que tinha o direito legal de indicar

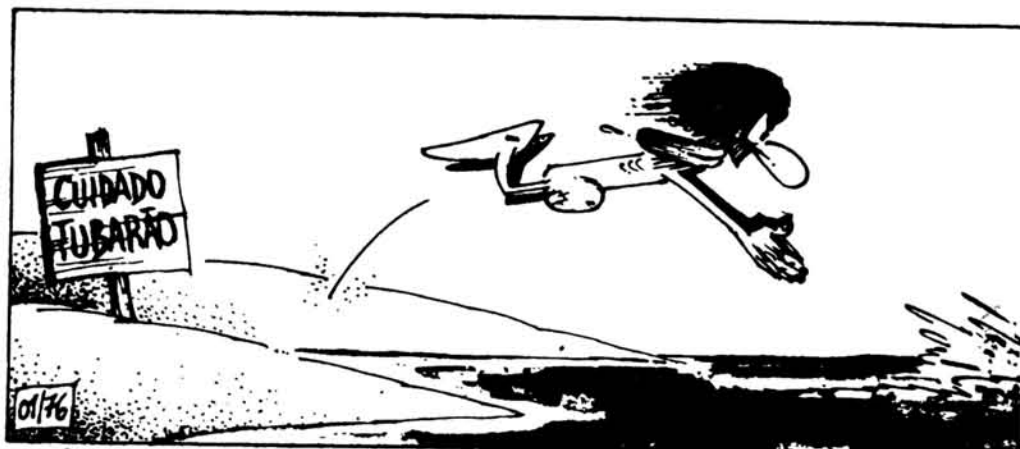
quem quisesse para compor esta comissão e que de maneira alguma abriria mão desta prerrogativa.

Procurou-se mostrar a ele o caráter antidemocrático e arbitrário da colocação de um aluno que não representa a opinião e, principalmente, que não foi escolhido pela maioria dos corpos discentes. Ainda que legalmente ele pudesse indicar um aluno de sua escolha, por que não aceitar um dos repre-

sentantes eleitos pelos alunos.

Finalmente o Reitor reconheceu que havia sido infeliz na sua atitude, mas que não poderia voltar atrás pois se o fizesse sofreria pressões do Conselho Universitário. Foi lembrado por um dos alunos que as pressões talvez não fossem só do C. O., o que ele negou veementemente.

Por esta razão o Reitor disse que se fosse levado a ele um pedido do prof. Lacaz para a



# ÇÃO OFICIAL

tegração vertical representa por si só uma novidade, constitui oportunidade não só para reformular técnicas e métodos de ensino, mas também para analisar criticamente a participação de cada uma das disciplinas envolvidas no ensino de determinado aparelho, isto é, para repensar e reavaliar as finalidades objetivos do ensino deste bloco, das necessidades reais das assim chamadas bases científicas. Desta maneira, foi possível eliminar excessos de algumas disciplinas, como as morfológicas, tradicionalmente aquinoadas com uma parcela excessiva do tempo disponível, ganhando-se tempo para outras, como a fisiopatologia, costumeiramente perdida entre os cursos de Fisiologia e de Clínica Médica. Tratando-se de um conjunto de disciplinas de origens diversas quanto a Departamentos e mesmo Institutos, tais blocos são manejados do ponto de vista de sua organização e execução por um coordenador, que pode ser qualquer um dos docentes participantes neste ensino. Nisto reside outra vantagem do sistema, pois se amplia a possibilidade de ter um especialista no campo como responsável pelo seu desenrolar, o que geralmente não acontece dentro de cada disciplina, principalmente no caso daquelas básicas. Desta maneira, é possível termos uma organização centralizada do bloco a dar-lhe um sentido direcional, homogêneo, permitindo a existência simultânea de experiências interessantes de ensino com blocos orientados por fisiologistas, outros por clínicos, ou por morfológicos e cirurgiões. Um risco que se corre é que determinado bloco poderia ter enfoque excessivamente clínico ou básico. Entretanto, como o aluno estará exposto a todos, terá, em média, um enfoque equilibrado, mas em cada bloco apresentará uma perspectiva orientada por alguém que realmente conhece o campo, através de uma de suas facetas.

Uma desvantagem do sistema de blocos a ser salientada é a maior dispersão dos esforços didáticos por parte dos diferentes docentes envolvidos em seus diversos programas de ensino. Uma disciplina não é dada continuamente como no sistema tradicional, mas é desmembrada em diversos segmentos ao longo do ano letivo, tornando menos contínua e mais intermitente a atividade do corpo docente. Esta desvantagem não existe na Universidade de grandes Departamentos, onde cada setor de disciplina correspondente a um dado bloco pode ser ensinada por um docente diferente. Quando isto não é possível e um mesmo docente se responsabiliza por grande parte do ensino do sistema de blocos, este se traduzirá em considerável sobrecarga

inclusão de mais um aluno, ele colocaria na comissão um dos representantes eleitos.

Achamos que isto já significa uma vitória para os alunos. Ainda que continue na comissão o «representante do reitor», conseguimos que ele aceitasse um representante nosso.

Está sendo discutido, com os outros Centros Acadêmicos o encaminhamento do pedido ao prof. Lacaz neste sentido.

ao corpo docente, se bem que mesmo neste caso a estreita colaboração com docentes de outros Departamentos no planejamento e orientação do ensino pode ser de considerável vantagem.

**Preparação para o sistema de integração vertical:** boa parte do ensino básico em Medicina não se presta para englobamento em um sistema de blocos, como foi acima descrito. Esta parcela engloba conhecimentos de interesse geral e comum aos vários sistemas e aparelhos, razão pela qual é ministrada em um ciclo básico comum, correspondente em tempo praticamente ao primeiro ano de curso, sob a designação genérica de biologia celular. Inclui-se neste ciclo a bioquímica, que representa legitimamente disciplina de interesse comum, se bem que alguns de seus aspectos poderiam ser classificados como específicos ao sistema de blocos, como, p. ex., a bioquímica de hormônios, de pigmentos do sangue, do transporte de gases e equilíbrio ácido-básico, para citar alguns exemplos, que poderiam ser incluídos no estudo da endocrinologia, hematologia e sistema respiratório, respectivamente, entretanto, as porções mais específicas desta disciplina podem ser incluídas nos aspectos fisiológicos dos referidos sistemas. Outros tópicos de caráter geral, como matemática, estatística e sociologia cabem nitidamente nesta fase. Além disso, são incluídos também aspectos gerais de Citologia, Histologia, Anatomia, Fisiologia, Farmacologia, Imunologia, Microbiologia e Patologia, com enfoque predominantemente celular. Em vários casos tem havido alguma dificuldade na separação das referidas disciplinas em uma parte geral e em uma especial, se bem que tal divisão conste da organização clássica destas disciplinas, podendo ser facilmente identificada nos livros de texto comuns. Em casos como os de Anatomia e Histologia tem havido alguma dificuldade, pois algumas disciplinas gerais necessitam de conhecimentos um pouco mais especializados, como é o caso da Fisiologia geral, que exige noções mais aprofundadas do tecido nervoso e muscular, e da Patologia geral, que depende de estudo histológico e anatômico de alguns órgãos e tecidos fundamentais como rim e fígado. Nestes casos, tem sido necessário chegar a certos compromissos, ampliando um pouco a matéria dada em algumas disciplinas, e de certa maneira já invadindo precocemente a área de determinados blocos. No entanto, uma organização centralizada do curso tem conseguido contornar problemas como estes, chegando a uma programação geral satisfatória.

**Papel da clínica nos blocos:** se por um lado tem havido amplas discussões quanto ao estabelecimento do limite inferior dos blocos, separando a parte geral da especial de diversas disciplinas, o limite superior destes blocos de ensino verticalmente integrados também não tem sido fácil de precisar. Basicamente, o sistema vertical deverá ir desde a Anatomia à Clínica. Entretanto, como já vimos, é necessário que exista treinamento clínico por excelência, ao nível de hospital e ambulatório, que não poderá ser ministrado dentro do sistema de blocos. Em outras palavras, pelo menos uma parte do ensino clínico deverá ser independente, porque inclui uma metodologia bem diferente da científica, básica, ensinada nos blocos, metodologia esta que, além do raciocínio científico, inclui um treino semiótico que exige longas horas de prática ao lado do doente. Este treinamento será objeto dos últimos anos do curso médico, em forma de semi-internato e internato, em que são incluídos seminários a respeito das principais entidades nosológicas dos diversos setores da Clínica Médica. Daí a pergunta: que parcela da Clínica deve ser incluída nos blocos? Somente a Fisiopatologia? Ou somente a Semiologia? Novamente chegou-se a uma solução de compromisso, que tem avariado de aparelho para aparelho, de acordo com as características especiais de cada um, mas que pode ser resumida da seguinte maneira. O enfoque a ser dado no sistema de integração vertical visa essencialmente a Fisiopatologia. No entanto, para que se possa discutir mecanismos de doença, é necessário ter alguma idéia a respeito destas doenças, qual sua causa, evolução, sinais e sintomas. Por isso, inclui-se o ensino, para cada sistema, das principais moléstias ou grandes síndromes que, principalmente do ponto de vista fisiopatológico, representem unidades em termos de mecanismos etiopa-

tológicos e funcionais. Em suma, o sistema de blocos visa dar ao aluno conhecimento cientificamente fundamentado dos mecanismos de doença, fornecendo-lhe para isso todos os dados básicos necessários, mas também um mínimo de conhecimentos clínicos para que possa entender de que doença se está falando. Do ponto de vista da Semiologia, deve-se introduzir o que for importante para esta compreensão, do ponto de vista tanto da Semiologia desarmada como da laboratorial, mas deixando um treinamento mais aprofundado para épocas posteriores.

**O sistema de integração vertical prejudica algumas das disciplinas que o compõem?** - é esta uma das primeiras dúvidas que surgem na mente de um docente acostumado ao sistema de integração horizontal, onde, isolado em seu mundo, ele se situa a considerável distância do ensino clínico, que frequentemente só se inicia um ou dois anos mais tarde. A introdução precoce de elementos clínicos favorece ou prejudica as disciplinas mais básicas? Quanto a esta pergunta, os docentes do CEM já têm experiência razoavelmente ampla, que em sua grande maioria é bastante favorável ao sistema vertical. Poucos são os docentes que se queixam de menor interesse com relação à sua área. Tal queixa se relaciona em geral à filosofia de um determinado bloco, no sentido de reduzir, em tempo e importância, a participação de determinadas disciplinas. Do ponto de vista do interesse dos estudantes, no entanto, nota-se de modo geral um interesse consideravelmente maior em relação às matérias básicas quando os mesmos têm a possibilidade de verificar, a curto prazo, a relevância da formação básica para uma discussão clínica de alto nível. E claro que para isto a parte clínica deve ser bem orientada e, logicamente, por docentes que tenham boa formação básica, o que nem sempre é fácil de conseguir.

(Cont. da, pag. '3)

## Máfia de branco

Como vemos, há muitos problemas que devem ser resolvidos, atuando-se em diversos setores, desde a melhoria de condições de saúde da população, até uma mudança dentro do ensino médico. O importante é que cada um saiba onde poderá atuar.

Para nós estudantes cabe a tarefa de debater mais a respeito de nossa formação médica para que ela seja adequada a realidade que encontraremos depois de formados.

A realização de debates sobre o ensino médico com professores e alunos da nossa e de outras escolas, como em um fórum oficial, é de grande importância para uma nossa melhor formação.

## HOSPITAL DAS CLÍNICAS E HOSPITAL COMUNITÁRIO

Qual a diferença básica entre um Hospital de Clínicas e um Hospital comunitário?

Como se articulam ambos hospitais com os diversos níveis de atenção médica?

Quais os feitos no ensino médico de ambas as estruturas?

Estas e outras perguntas que poderão ser formuladas, serão respondidas no dia 13 de outubro às 20 hs no Anfiteatro da Patologia pelos professores:

Nelson Rodrigues dos Santos  
Ex-diretor do Centro de Ciências de Saúde da Universidade Estadual de Londrina.

Lúcio Tedesco Marqueti - Organizador do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina.

O COAC convidou estes professores de Londrina, pois é nesta cidade que já está funcionando um Hospital Universitário cuja filosofia é a mesma de nosso futuro. H.U., ou seja de ser um Hospital comunitário. Além disto, ambos os professores são formados por nossa escola, e conhecem o H.C., sem estarem comprometidos com sua estrutura.

Acreditamos que com esta palestra, possamos ter subsídios para entender a estrutura do H.C. dando-nos a oportunidade de o encherarmos mais criticamente, e ter uma idéia do que é um Hospital comunitário, para compreendermos melhor os objetivos do H.U. e estamos atentos para eles não serem desvirtuados.

O COAC convida a todos os alunos e professores a comparecerem a esta conferência.

13 de Outubro, 20 hs, no Anfiteatro da Patologia.

## CONGREGAÇÃO APROVA CONVÊNIO INPS - HC.

Desde fevereiro o Centro Acadêmico tem se manifestado a respeito da realização de um convênio entre o HC e o INPS.

Após várias reuniões, assembleias e realização de um plebiscito, a posição da maioria dos alunos foi contrária a realização do convênio, por achar que o mesmo iria piorar as condições de atendimento e do ensino médico no hospital.

Nas várias reuniões efetuadas na Congregação da FMUSP, ficou claro que uma parcela de professores estava também contra o convênio, e que outra, representando interesses e se submetendo a superintendência do HC era favorável.

Na reunião do dia 24 de setembro, foi aprovado por maioria de votos, apenas votando contra: os 3 alunos, o Prof. Canelas e o Prof. Carlos Corbet, que a Faculdade é favorável à realização do convênio entre o INPS e o HC, nos termos da minuta padrão elaborada por uma comissão de professores e

um representante dos alunos.

Segundo informação do próprio representante, a Superintendência, como forma de pressionar os professores que eram contra o convênio, colocou a realização do mesmo como fator decisivo para normalizar a atual estrutura do hospital, que se encontra em crise pela falta de funcionários e verbas para o seu funcionamento.

É claro, e todos nós sabemos que isto não é bem verdade, pois a verba do HC é bastante vultosa, tanto que a reforma na Faculdade está sendo feita com verbas do Hospital.

Sabemos que a pressão para a realização do convênio veio de áreas Governamentais, interessados em melhorar a imagem do INPS junto à população.

Com isto, mais uma vez os professores cedem frente a pressões de setores extra-Universitários, que absolutamente não estão interessados na melhoria das condições de saúde e educação

da população, tanto é que os níveis de saúde têm piorando de uns anos para cá.

A discussão no caso, ultrapassa os interesses dos professores, para cair no plano político, com objetivos puramente eleitoreiros e demagógicos, pois em vez de se drenar recursos construindo hospitais na periferia, amplia-se cada vez mais o Hospital das Clínicas, a ponto do mesmo ficar cada vez mais inoperante.

A posição dos alunos já é do conhecimento de todos e foi manifestada em votação na Congregação da Faculdade pelos representantes dos alunos e em carta que o CAOC está enviando a todos os membros da mesma. De qualquer forma, é importante que todos discutam o assunto novamente, procurando manter-se informados dos acontecimentos e mobilizados para defender seus interesses de melhoria do ensino e da saúde da população.

DIRETORIA CAOC



## XLII MAC-MED

Realizar-se-á entre os dias 15 e 23 de Outubro mais uma edição da mais tradicional competição poli-esportiva universitária da América Latina, edição esta que conta com a colaboração da Secretaria Municipal de Esportes, através do Dr. Caio Pompeu de Toledo do Governo do Estado de São Paulo através da Coordenadoria de Esportes e Recreação da Secretaria de Esportes e Turismo e com o patrocínio exclusivo de C & A Ltda., a passarela da moda.

Até há bem pouco tempo poucos acreditavam na efetiva realização de mais esta MAC-MED, devido a divergências entre as duas Atléticas, a da Medicina e a do Mackenzie; conseguido, porém, nosso intento, com a inclusão de dois esportes femininos contando pontos para o cômputo geral da competição, com o intuito de um maior equilíbrio na competição, tudo ficou acertado e estamos agora a poucos dias do início de mais esta MAC-MED, a quadragésima segunda, e novamente renasce entre nós aquela enorme vontade de vencer, com muita garra, o Mackenzie, e trazer esta importante vitória para nossa gloriosa Atlética.

- 15/10 - Sexta-feira PACAEMBU  
 19:00 hs - ABERTURA  
 20:00 hs VOLLEYBALL FEMININO  
 21:00 hs VOLLEYBALL MASCULINO
- 16/10 - Sábado  
 9:00 hs REMO - CIDADE UNIVERSITÁRIA  
 14:00 hs RUGBY SPAC
- 17/10 - Domingo - CONJ. CONSTÂNCIO VAZ GUIMARÃES - IBIRAPUERA  
 13:00 hs ATLETISMO
- 18/10 - Segunda-Feira  
 13:00 hs BASEBALL CAMPO DO BOM RETIRO  
 20:00 hs TÊNIS DE MESA MASCULINO - HEBRAICA  
 20:00 hs TÊNIS DE MESA FEMININO - HEBRAICA
- 19/10 - Terça-feira  
 13:00 hs FUTEBOL DE CAMPO B  
 15:00 hs FUTEBOL DE CAMPO A  
 20:00 hs JUDÔ - HEBRAICA
- 20/10 - Quarta-feira  
 14:00 hs XADREZ CLUBE DE XADREZ DE SÃO PAULO  
 20:00 hs NATAÇÃO MASCULINA E FEMININA C.E.R. Água Branca
- 21/10 - Quinta-feira PACAEMBU  
 14:00 hs TÊNIS DE CAMPO  
 20:00 hs FUTEBOL DE SALÃO - VETERANOS  
 21:00 hs BASKETBALL
- 22/10 - Sexta-feira  
 14:00 hs POLO AQUÁTICO - C.E.R. Água Branca  
 19:00 hs FUTEBOL DE SALÃO B PACAEMBU  
 20:00 hs HANDBALL PACAEMBU  
 21:00 hs - FUTEBOL DE SALÃO - A PACAEMBU

## CICLO DE CONFERÊNCIAS DO DEPARTAMENTO CIENTÍFICO

Para iniciar o Ciclo de Conferências, o D.C. convidou o Prof. Valter Leser para proferir uma palestra sobre «Interiorização da Saúde». Para isto, foi confeccionado um texto preparatório distribuído antes da palestra. No dia seguinte, todos os ouvintes foram convidados a realizar um relatório sobre o assunto.

### RELATÓRIO FINAL SOBRE INTERIORIZAÇÃO DA SAÚDE

-Baseados em dados da Fundação SESP do Ministério da Saúde; 60% dos municípios brasileiros carece de assistência médico-hospitalar, correspondente a localidades de difícil acesso a baixo nível sócio-econômico. Isto, associado à falta de condições mínimas do exercício de Medicina (falta de hospitais, meios de comunicação, etc.), desestimula o deslocamento de médicos que preferem a concorrência dos grandes centros urbanos. Estes fatos associados aos dados de pequeno número de clínicos gerais e sanitaristas formados no nosso país, leva-nos a optar por um esquema de interiorização de saúde que se faça não pela interiorização do médico e sim da medicina, o que comporta os seguintes itens:

- dividir os estados em pequenas regiões e em seu distrito mais desenvolvido instalar um Centro de Saúde com equipes multiprofissionais;
- dividir os estados em pequenas regiões e em seu distrito mais desenvolvido instalar um Centro de Saúde com equipes multiprofissionais;
- esta equipe seria responsável pela for-

mação de líderes nas comunidades vizinhas que seriam treinados para dar assistência constante à população tanto em termos de saúde como na criação de uma mentalidade de sanitarismo (p.ex. construção de fossas)

- também exerceria uma fiscalização periódica em todas as comunidades ou quando for solicitada

- Este esquema, é claro, só é viável com a evolução paralela do nível sócio-econômico da população, somente conseguido com a melhor distribuição de renda;

É necessário, também, que se reestruturasse a situação atual de ensino na área de saúde, principalmente no setor médico, onde há formação de médicos ultraespecializados que não encaram os problemas de saúde brasileiros de uma maneira objetiva. Isto é decorrente do fato de que o poder de decisão no setor de saúde estar voltado para a mercantilização da Medicina, não visando o bem estar da população mas o lucro, transformando a Medicina num setor de aplicação de capital como qualquer outro;

É necessário valorizar no currículo médico a disciplina de Medicina preventiva, com seu departamento programando um ensino que atraia o aluno através de vinculações ESCOLA-CENTROS DE SAÚDE. A medicina preventiva deve ser dada já no ciclo básico e continuar no curso clínico associado aos novos conhecimentos. Além disto, os hospitais-escolas devem proporcionar uma visão mais ampla das patologias mais frequentes na população mostrando as reais necessidades da saúde do país.

## COLUNA DA FARMÁCIA

### O QUE É A CEME?

A fim de elucidar uma série de dúvidas decorrentes de artigos veiculados por imprensa leiga, a respeito da CENTRAL DE MEDICAMENTOS, foi feita uma entrevista com o Prof. Dr. Antonio Carlos Zanini, Presidente do CONSELHO CIENTÍFICO DA CEME. Embora nomeado há apenas 2 meses e destituído de respostas para algumas de nossas perguntas, mostrou-se muito acessível e com isso pudemos fazer o primeiro esboço sobre a CEME.

Traremos maiores esclarecimentos no nosso próximo número do BISTURI.

A CEME surgiu após ter-se verificado que a maioria da população brasileira não está em condições de comprar remédios mesmo após ter suportado filas para atendimento médico, e mais da metade das receitas do INPS vão invariavelmente para o LIXO por falta de poder aquisitivo.

A CEME é um órgão subordinado ao Ministério da Saúde e Previdência Social e com isso trabalha «paralelamente» ao INPS. Visa distribuir remédios, gratuitamente, mediante receita médica (do INPS) a:

- 1) indivíduos que recebam menos que 2 salários mínimos.
- 2) gestantes em geral
- 3) crianças menores de 5 anos.

Para objetivar esse fim, tem a CEME metas prioritárias, a destacar:-

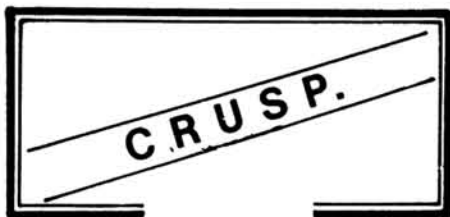
Produção de matérias-primas. O Brasil tem deficiências especiais; não sintetiza ASPIRINA, por exemplo, dependendo de importação e do país produtos, gerando problemas de ordem econômica. Havendo uma verba fixa de 480 milhões de cruzeiros para 1.976, não se pode esperar comprar a mesma quantidade de matérias primas no começo do ano e no fim do mesmo ano, sendo esse «Shortage» refletido diretamente na população, que disporá de menos dos seus derivados. Lembremos que o cruzeiro desvalorizou-se 8 vezes em relação ao dólar somente nesse primeiro semestre do ano. Além disso, para que a indústria farmacêutica brasileira fabrique os 80 medicamentos mais necessários à população, 143 matérias-primas precisam ser importadas. Assim a CEME não pode se restringir a comprá-los e veiculá-los (e comercializá-los, como fazem todas as demais). Daí a CEME incentivar pesquisas de matérias primas, pesquisas estas atualmente a cargo de sete instituições, que, em conjunto, estudam a tecnologia de 24 drogas, como por exemplo a insulina. Pretende-se assim produzir os produtos BÁSICOS, não necessariamente os ESSENCIAIS.

Dentro, ainda, das metas prioritárias, a CEME está tentando ampliar as portas para todo o Brasil, aumentando o número de postos e a linha de produção, seja pelo próprio governo, seja pela indústria privada. E tem feito isto satisfatoriamente, visto o curto período de existência (fundada em 1.970), a grande extensão territorial e problemas na área de recursos humanos. Já atende atualmente metade da população brasileira.

Fora o aspecto de matérias primas, há viabilidade para se fazer pesquisa num projeto objetivando uma área vital de aplicação prática para problemas brasileiros (ex.: Chagas, esquistossomose, certas micoses que incidem sobre maneira no nosso país) e todo projeto será aprovado desde que seja sério e tenha um alvo passível de realização. Completou dizendo: - «Para se fazer um produto novo deve-se pesquisar 10 anos e ter sorte». Quem decide a viabilidade é o Conselho Científico, atualmente composto por 7 membros, 5 do Rio, 1 da Bahia e o Prof. Zanini de São Paulo, e que determina os produtos e as instituições que serão incentivados dentro das metas prioritárias e da verba, naturalmente.

Há planos para divulgação dos produtos da CEME junto a Escolas Médicas de todo o país, e isso seria feito pelos professores da cadeira de Farmacologia.

Para finalizar esta primeira informação, dentre os relevantes serviços que tem prestado, toda a responsabilidade de obtenção de vacinas contra Meningite feita em 1.975 foi subsidiada pela ..... CEME.



Neste semestre, logo depois das férias encontramos a refeição do CRUSP a Cr\$ 7,50. Como já havia ocorrido um aumento em fevereiro, essa elevação do preço associando-se à retirada do leite do café da manhã, à falta de higiene no restaurante, às denúncias de corrupção nas COSEAS, à demissão de nutricionista (e à não contratação de outra) e às deficiências do serviço médico fornecido pela COSEAS, motivou um protesto generalizado por parte dos estudantes.

As verbas destinadas à universidade (e à educação, de um modo geral) vêm diminuindo de ano a ano, provocando uma deficiência no atendimento aos estudantes.

Progressivamente a universidade (e consequentemente o Estado) estão deixando de assumir a responsabilidade pela manutenção dos estudantes e pelo nível de ensino nas escolas. Como exemplo temos o corte de subvenção da alimentação, fazendo com que os preços aumentem em índices superiores ao do custo de vida, falta de material didático, número reduzido de professores, etc.

Além disso, existe uma má aplicação dessa já escassa verba, pois, segundo o Sr. Irineu Strenger, cada refeição no CRUSP custa à COSEAS Cr\$ 9,30. Como isso é possível, se, aqui no CAOC, o restaurante, que tem lucro, paga aluguel e funcionários cobra Cr\$ 9,00 por refeição? Foram feitas tentativas de diálogo com o coordenador do COSEAS, no sentido de conseguir que o preço voltasse a ser Cr\$ 6,00, que se contratasse uma nutricionista, que fossem melhoradas a qualidade da comida e as condições de higiene no CRUSP e que se instaurasse uma comissão de sindicância para averiguar as denúncias de corrupção na COSEAS e o custo real das refeições.

O Sr. Irineu Strenger, ao invés de colocar-se do lado dos alunos e requerer mais verbas para o CRUSP junto aos órgãos governamentais (responsáveis, aliás, pela diminuição progressiva dessas verbas), compactuou com o corte do orçamento, preferindo que a diferença saísse do bolso dos estudantes.

Os estudantes, em assembléia geral, organizados em torno do DCE, decidiram comer a Cr\$ 6,00 no CRUSP, na quarta-feira, dia 11 de agosto. Isso foi feito de maneira ordenada, o dinheiro arrecadado foi depositado em nome do COSEAS, num banco em Osasco e o restaurante foi completamente limpo.

Depois disso, o CRUSP foi fechado por uma semana, a discussão alastrou-se pela universida-

de e foi marcada uma concentração em frente à reitoria, na sexta-feira. Algumas escolas, então, paralisaram suas aulas, pela reabertura do CRUSP a Cr\$ 6,00.

(Nesse momento é que sentimos a real necessidade de um órgão que coordenasse e representasse os estudantes. Foi a implantação do DCE da USP na prática).

Nessa quinta-feira, diversos estudantes da USP, ligados a essa movimentação reivindicatória, foram intimados a comparecer nos DOPS para prestar depoimento.

Na sexta-feira, durante a concentração, uma comissão de alunos tentou conversar com o Reitor, mas isso não foi possível, já que para fazê-lo exigia-se que os estudantes se identificassem com a carteira de identidade e era de conhecimento geral a presença de um delegado do DOPS na reitoria. Todos os estudantes ali presentes manifestaram seu repúdio à tentativa de repressão do movimento e decidiram também:

- 1) Greve geral na USP na terça-feira, dia 17 de agosto.
- 2) Realização de um plebiscito acerca de qualidade dos serviços da COSEAS.
- 3) Manutenção de todas as outras reivindicações a respeito do COSEAS.

Na nossa escola, o CAOC passou nas classes durante a manhã da segunda-feira e foi realizada uma assembléia geral na hora do almoço, onde a maioria dos alunos decidiu apoiar o movimento,

aderindo à greve. Não foi possível avisar o internato, devido ao pouco tempo disponível.

Terça-feira à noite depois da greve geral e da concentração em frente à reitoria, o governador aceitou o pedido de suplementação de verbas da reitoria. Também a contratação de uma nutricionista e a volta do leite do café da manhã foram asseguradas.

A respeito da comissão de sindicância, concordou-se na sua formação, mas o Reitor deseja indicar os alunos e professores que dela deverão participar.

A sede do DCE, no centro de Vivência do CRUSP, foi fechada pelo Reitor, sob a alegação de que o DCE livre da USP é uma entidade ilegal.

Como a maioria dos estudantes da USP reconhece o DCE como representante de seus interesses e aspirações, para que sua representatividade fosse assegurada, os conselheiros universitários apresentaram sua carta de renúncia, que foi entregue ao reitor 5.221 juntamente com o resultado do plebiscito: alunos insatisfeitos com os serviços prestados pela COSEAS, 227 satisfeitos e 140 votos nulos e em branco.

É necessário que mantenhamos essa mobilização e essa união, que foram os fatores determinantes das conquistas que realizamos. Precisamos, agora e sempre reafirmar a posição do DCE livre da USP como órgão representativo e centralizador das nossas reivindicações e continuar a luta pelos nossos direitos.

## CARTA RENÚNCIA DA REPRESENTAÇÃO DISCENTE DA U.S.P. NO CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Ata da 685ª sessão do Conselho Universitário a 1/6/1976. Com a palavra, o representante discente, assim se pronuncia: «Magnífico Reitor, Senhores Conselheiros. A representação discente no CO vem comunicar a seus membros que, fruto de um processo eleitoral amplo e representativo, que contou com um comparecimento às urnas de 14000 alunos desta Universidade, foi construído o DCE (Diretório Central dos Estudantes) livre da USP, órgão independente e realmente representativo dos alunos, que encaminhará de forma ampla e democrática nossas reivindicações estudantes. Desta forma, esperamos que este Conselho considere a representatividade do processo eleitoral a que aludimos e reconheça, na prática, o órgão que representa, de fato, os verdadeiros anseios dos estudantes da USP». O Reitor esclarece que o CO não pode reconhecer e considerar a representatividade a que aludiu o representante discente, uma vez que foi ela gerada por processo eleitoral em desacordo com as normas regulamentares. Por essa mesma razão, não pode o CO reconhecer o DCE-Livre, descabendo, portanto, qualquer pronunciamento em tal sentido deste colegiado.

Uma análise, ainda que superficial, da situação da USP hoje, revela-nos, primeiramente, uma sensível e gradativa queda do nível de ensino. Esta manifesta-se na existência de cursos cujos objetivos básicos são vagos ou mesmo indefinidos; na presença de currículos mal estruturados, traduzidos por uma carga horária excessiva e, na maior parte das vezes, dispersiva; na ausência de coordenação dos vários departamentos e entre as disciplinas de um mesmo departamento. Manifesta-se, sobretudo, na mais completa omissão quanto ao desenvolvimento, no estudante, de um espírito crítico em relação ao seu próprio curso e à sociedade em que vive e na qual atuará como profissional.

Mas o que se entende por melhorar o nível de ensino?

Quando se fala em melhorar o nível de ensino é comum se pensar no ensino de uma maneira abstrata, dando-lhe uma conotação a-histórica e idealista, restringindo esta questão à análise de pontos meramente administrativos ou mesmo burocráticos.

A partir desta visão, chega-se facilmente a conclusões que reduzem a questão da qualidade de ensino que recebemos à ausência de um professor mais bem preparado, à falta de um laboratório melhor equipado, etc.

Será que simplificando a questão do nível de ensino a aspectos formais, podemos entender a questão corretamente? Será que o conjunto de portarias impos-

tas autoritariamente na USP resolvem as deficiências de nosso ensino?

Será que medidas como o jubilamento resolveriam os nossos problemas? Ou apenas contribuiriam para agravá-los?

Será que enquanto o poder autoritário da Universidade continuar baixando normas, decretos e portarias, sem que ninguém possa discutir, teremos condições de transformar o ensino?

Será que as salas de aula vazias, as reprovações em massa, o desinteresse pelo curso, podem ser explicados somente pelo despreparo didático do corpo docente, ou da ausência de uma biblioteca melhor, ou ainda da «vagabundice» dos alunos?

A discussão do nível dos cursos que recebemos implica, necessariamente, em localizar a educação no momento histórico em que vivemos.

Partindo deste princípio, observamos na Universidade uma orientação educacional que procura enquadrar na área das Ciências Exatas um ensino que se volta à formação de técnicos incapazes de criar uma ciência e tecnologia adequadas às necessidades de nosso povo, atuando como mero adaptadores de uma tecnologia importada, monopólio das grandes empresas estrangeiras. Na área de biomédicas, em lugar de uma orientação de caráter preventivo para a saúde, volta-se para soluções paliativas, que não resolvem os gravíssimos problemas de nossa população. Na área de Ciências Humanas, assistimos à sua destruição no Brasil, com a sua substituição pelo curso de Estudos Sociais.

Ao lado do baixo nível de ensino - e contribuindo para gerá-lo observamos uma crescente falta de verbas que se reflete nos laboratórios mal aparelhados, nas bibliotecas que não suprem as necessidades dos alunos e professores, nos prédios com instalações precárias, na deficiência do serviço de alimentação e saúde, no desamparo à pesquisa, etc. Para «compensar» esta falta de verbas, os estudantes são obrigados a arcar, sempre mais, com as despesas da Universidade. São as refeições nos bares e restaurantes, cujos preços se elevam constantemente; são os mínimos serviços burocráticos das secretarias da USP que passam a ser cobrados; é, enfim, a ameaça sempre presente do Ensino Pago.

Para dar os respostas a todos os problemas que nos afetam, é necessário que tenhamos uma atuação livre, unitária e organizada; entretanto, todas as tentativas de nos organizarmos livremente têm sido bloqueadas por meio das mais variadas formas, que vão desde o Decreto-Lei 477 até o cancelamento de verbas para as

entidades estudantis independentes, os Centros Acadêmicos.

Estas medidas refletem, ao nível da Universidade, a ausência de Liberdade e o cerceamento dos mais elementares direitos em que vive a sociedade brasileira hoje. Não nos é dado o poder de opinar e decidir, tanto nas questões de ensino, que nos dizem respeito mais diretamente, como nos grandes temas de interesse da nação.

Apesar de todas as restrições que temos sofrido, nós, estudantes da USP, conseguimos manter em funcionamento nossos Centros Acadêmicos Livres do controle oficial. Essas entidades livres, por estarem subordinadas apenas aos estudantes, devem ser nossa principal forma de organização, a qual devemos defender e fortalecer.

Acreditamos que a atuação nos órgãos colegiados jamais poderá substituir nossa movimentação direta, enquanto conjunto de estudantes. Somente esta movimentação permitirá que atinjamos nossos objetivos; somente ela, inclusive, tornará conseqüente a própria atuação dos nossos representantes nos colegiados.

Entendemos, pois, que a superação dos problemas mais importantes que nos atingem, não se dará a nível do CO; eles terão, necessariamente, que passar pelo debate e fortalecimento da organização dos alunos, através das entidades representativas

**A renúncia dos representantes discentes no C.O., traz à tona a relação entre nossas entidades representativas e a representação oficial nos órgãos colegiados.**

**É importante lembrar que a representação nos órgãos colegiados é uma conquista do movimento estudantil, que em 1962 paralisou todas as escolas do país numa greve geral convocada pela UNE para obter a participação dos estudantes nos órgãos de direção das faculdades e universidades**

**Esta participação foi conseguida sendo que a porcentagem de representantes discentes variou entre as Universidades.**

**Acreditamos que a representação discente desvinculada da entidade representativa dos alunos não consegue exercer seu papel de levar a opinião dos alunos aos professores e de levar ao conheci-**

mentos dos alunos as principais discussões que ocorrem nestes órgãos.

**As entidades representativas, Centro Acadêmico e Diretório Central, também saem prejudicados quando não há um bom entendimento entre a representação discente e suas diretorias, pois necessitam dos representantes para serem seus porta-vozes junto aos professores.**

**Neste momento que foi criado o DCE-livre da USP, cabe ter uma representação vinculada à sua diretoria, para que ambas saiam fortalecidas.**

**Cabe citar, que esta não é a única forma de fortalecer o DCE. Faz-se necessário que o DCE organize seus estatutos o mais rápido possível e desenvolva atividades no campo cultural, social e esportivo, aproximando os Centros Acadêmicos.**

A REPRESENTAÇÃO DISCENTE

## IMPrensa INDEPENDENTE

*A equipe que elaborou o Jornal Bisturi, se deslocou até a redação do jornal Movimento e entrevistou alguns jornalistas, que falavam sobre a situação da imprensa brasileira hoje.*

Até 1964 praticamente todos os movimentos populares que existiam no Brasil (e que não eram poucos) tinham jornais próprios como porta-vozes de seus interesses. Assim sindicatos, organizações de classes, jornais estudantis, etc... manifestaram suas posições e anseios, existindo uma intercomunicação generalizada.

Depois de 1964, iniciou-se um processo de desarticulação de todos os movimentos e, conseqüentemente, da imprensa que os representava.

Até 1968, apesar do clima de repressão que se delineava, houve oportunidade e abertura suficientes para que amplos setores da população manifestassem-se a respeito do momento político que viviam. Assim, tanto manifestações culturais importantes, como o teatro Arena, a Oficina, os festivais de M.P.B., quanto movimentos reivindicatórios com ampla participação popular proliferaram.

A revista «Realidade» foi um exemplo claro desta situação. Apesar de ser montada dentro dos padrões de uma empresa, a revista, durante pelo menos dois anos, deu voz a jornalistas empenhados em mostrar a realidade de vida do povo brasileiro, em desvendar instituições misteriosas, fazendo também análises do modelo político e econômico, da estrutura educacional, das tendências políticas da população, etc.

Entretanto, chegou-se a um dilema: a equipe criara uma revista para a empresa e, como passar do tempo e o sucesso, começara a acreditar que a publicação era sua, e não do dono. O resultado da crise foi que a equipe saiu e o dono ficou.

Não foi, e não é possível fazer um jornalismo independente dentro dos quadros de uma grande empresa, por vários motivos. Em primeiro lugar, porque a linha editorial de uma publicação, nesse quadro não é determinada pelos jornalistas que nela trabalham, mas pelo seu proprietário. A grande empresa, jornalística, tanto quanto qualquer outra grande empresa, tem interesses econômicos determinados e não vai defender posições que possam vir a afetá-la. Outro fator

importante é que essas empresas, em geral têm sua maior fonte de renda nos anunciantes (92% da renda), 70% dos quais são multinacionais. Por isso, as grandes empresas jornalísticas estão sempre aferradas a grandes interesses econômicos, são defensoras interessadas de um modelo de desenvolvimento baseado nas grandes empresas, como ela e seus anunciantes. Desse modo, a imprensa brasileira vai sendo asfixiada por uma auto-censura progressiva, a que as grandes empresas que acomodaram.

Depois disso, o quadro político brasileiro radicalizou-se e os núcleos de oposição foram sendo silenciados a todo custo.

Várias tentativas de jornalismo independente foram feitas, mas sem bases de apoio suficientes para que se sustentassem: «Artes e Comunicações», por exemplo, que lançou «Bondinho», «Foto Choque», «O Grito» «Jornalvivo», etc... que foram publicações de duração efêmera, tão efêmera quanto a «Artes e Comunicações», que foi fechada.

Durante todo este tempo, a imprensa universitária, apesar de sua circulação restrita, foi uma das únicas a manter-se funcionando.

Por volta de 1973, o descontentamento em relação à situação vigente estendera-se por diversos setores da sociedade. Entretanto devido à desarticulação existente, não havia órgãos definidos que pudessem dar voz a este descontentamento.

Apesar das possíveis divergências entre os diferentes grupos, naquele momento todos tinham um objetivo comum: veicular suas idéias e denunciar todos os fatos que eram omitidos pelos outros tipos de imprensa.

Por tudo isso, a necessidade de uma imprensa independente, que não estivesse submetida às limitações impostas pelos anunciantes, nem tampouco pelos ideais do seu proprietário e que realmente pertencesse àqueles que a fizessem.

Nesse momento surgiu «Opinião», que era apenas de propriedade intelectual dos que o faziam, já que juridicamente pertencia a um só dono, mas que mesmo assim,

funcionou democraticamente e pode ser um jornal independente.

O jornal «Opinião» tornou-se veículo de sérias críticas à política econômica nacional, desmistificando o «Milagre Brasileiro» posicionando-se contrariamente à entrega ao país às multinacionais, à progressiva concentração de renda, ao arrocho salarial, à dependência em relação aos países imperialistas, etc. Também foram feitas denúncias a respeito de constantes violações dos Direitos Humanos, de atitudes de arbitrariedades, da censura, em resumo, tentou-se deixar bem claro o que a oposição pensava de certos aspectos da política governamental.

Durante dois anos, o jornal funcionou democraticamente, tendo como linha mestra a posição e as idéias dos jornalistas que nele trabalhavam e dos intelectuais que lhe davam o apoio necessário. Quando houve uma quebra desse processo democrático, devida a divergências entre seu proprietário e a redação, o protesto dos jornalistas foi levado às últimas conseqüências, culminando com sua saída.

Esta equipe decidida a finalmente montar um jornal independente, criou «Movimento». O jornal tem uma equipe de 70 redatores, cerca de 400 acionistas, entre os quais quase 200 jornalistas. «Movimento» é dirigido por um conselho eleito pela redação e entre seus componentes estão nomes representativos da política e cultura brasileira, reunidos para debater sua linha editorial.

Entre seus objetivos estão: apresentar, analisar e comentar os principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais da semana; descrever a cena brasileira, as condições de vida da gente brasileira (já que se queria que este fosse um jornal mais próximo do povo, menos elitizante); acompanhar a luta dos cidadãos brasileiros pelas liberdades democráticas, pela melhoria de vida população contra a exploração do país por interesses estrangeiros, pela divulgação dos reais valores artísticos e culturais do povo, pela defesa de nossos recursos naturais e por sua exploração planejada em benefícios da coletividade.

Um jornal, que se caracteriza por sua independência, sofre uma série de restrições, entre elas a dificuldade de conseguir

publicidade. Qual a multinacional disposta a financiar um jornal que vai lutar para que ela não tome o lugar das empresas nacionais? Ao mesmo tempo, apesar de a indústria nacional reconhecer o apoio que lhes oferece esse tipo de imprensa, tem represálias do governo, por exemplo, no sentido de corte de empréstimos, e não anuncia também. O jornal, portanto, é bastante frágil economicamente, já que depende quase que exclusivamente do leitor. No entanto, isso garante que o leitor não corra o risco de ver mudar a orientação do jornal em que confia, nem de vê-lo converter-se num instrumento de poder econômico, em detrimento da informação.

Outro problema sério é a censura. Tanto ao nível de redação do jornal, quanto do controle da informação por parte de algumas poucas agências as noticiosas (France Press, UPI, AP, Reuters) e que só fornecem certo tipo de informação, de acordo com seus próprios critérios.

A nível de redação, existem listas de assuntos que jamais devem ser mencionados, fornecidas pela Polícia Federal, além da censura prévia, avisos por telefone e a fiscalização depois da impressão do jornal.

A censura pode destruir um jornal de várias formas: não só a curto prazo (através de prejuízos, por causa de edições proibidas, etc...), como a longo prazo (já que ameaça seriamente a sobrevivência de publicações financiadas por seus leitores, pois reduz a qualidade e, portanto, o interesse por elas). Por exemplo, o Pasquim perdeu 75% dos seus leitores e o Opinião, quase a metade.

A penetração destes jornais, apesar de seu caráter popular, é bastante restrita, já que somente as camadas com poder aquisitivo razoável podem comprá-los. O ideal, entretanto, seria que eles fossem amplamente divulgados, já que veiculam informações verdadeiras, não condicionadas por interesses escusos e respeitam, fundamentalmente, o leitor.

Atualmente estão surgindo vários novos jornais e revistas, como «Nós Mulheres», «Brasil Mulher», «Versus», «Ficção», «Ovelha Negra», dando voz a mais setores da população.

Importante é notar que a tarefa dos jornalistas não é só descrever a realidade, mas ajudar a transformá-la.

## FALECEU O PROF. SAMUEL BARNSELY PESSOA

Sexta-feira, dia 03 de setembro p. p. faleceu o maior parasitologista que o Brasil e talvez o mundo já conheceu.

Homem dotado de grande capacidade científica e visão sobre os problemas de saúde, dedicou toda sua vida à solução dos grandes problemas de saúde pública do Brasil e do exterior. Assim é que criou os embriões dos, hoje, Centros de Saúde, serviços que vieram a dar origem à Faculdade de Higiene e Saúde Pública, serviços de combate à Schistosomose, fundou vários departamentos de Parasitologia em várias faculdades de Medicina, sendo laureado com os mais diversos e dignos títulos, que apesar de tudo foram poucos pelos serviços prestados pelo grande humanista.

Apesar de reconhecido internacionalmente e de trabalhar num serviço de parasitologia de alto nível nesta Faculdade, juntamente com uma equipe de gabarito inquestionável, sofreu uma das maiores injustiças e arbitrariedades que se possa imaginar. Em 64, foi afastado junto com quase toda sua equipe, da Faculdade de Medicina por ato revolucionário.

Os membros, de sua equipe que foram afastados da Faculdade após 64, hoje ocupam os mais altos postos em entidades internacionais, tais como na Universidade de Nova York, Paris, na Organização Mundial da Saúde, etc. Este fato nos mostra o que o arbítrio ocasionou e vem ocasionando, em perdas de valores para nosso país.

Para espanto de todos e absurdo que possa parecer, em fevereiro de 75 o Prof. Pessoa, aos 75 anos de idade foi preso pelos órgãos de Segurança - DOI-CODI do II Exército, sendo acusado de subversão e atitudes antipatrióticas e atentatórias contra a segurança Nacional.

Apesar de todas as injustiças e perseguições que sofreu nunca se intimidou e nem se deixou vencer, lutando sempre pela realização de seus ideais de servir à Pátria e ao mundo.

Assim o CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ, vem manifestar profundo pesar pelo falecimento do Professor e amigo SAMUEL BARNSELY PESSOA e apresentamos nossas condolências à sra. Jovina Pessoa esposa do falecido, e à toda família.



# S

CASA DE ROUPAS P/ MÉDICOS  
**SÓ MÉDICOS**

Artigos para médicos, dentistas,  
 enfermeiras e estudantes

(Sob medida)

Rua Teodoro Sampaio, 430

Aqui perto do HC quase esquina com Av. Enéas de Carvalho